



BRASIL-PORTUGAL

Um mar-oceano de documentos

Esther Caldas Bertoletti

Dois princípios fundamentais ao trabalho histórico: 1) a necessidade de recorrer às fontes e 2) nenhum historiador, por mais ilustrado que seja, é uma autoridade que devemos seguir cegamente.

José Honório Rodrigues¹

SÓ PARA RELEMBRAR

A preocupação com a guarda de documentos produzidos pelos homens em suas diferentes ações ao longo do tempo histórico parece ter estado sempre presente em todas as épocas. As gravuras rupestres encontradas nas cavernas nos comunicam, ainda que de forma canhestra e incompleta, como os nossos antepassados viveram na pré-história em remotos períodos. A possibilidade de decifrar as escritas dos diversos povos da antiguidade nos revela dados e informações que nos permitem tentar conhecer as sociedades e as culturas do passado no esforço, ingente, de vivermos o presente e de sermos capazes de forjar os elos que formam a cadeia interminável do processo histórico. Quando deparamos com as informações que estes registros nos trazem, podemos indagar o que os antigos queriam nos transmitir. Imagino como os arqueólogos e os etnólogos devem permanecer cheios de dúvidas quanto ao verdadeiro significado destas mensagens.

Na Grécia Antiga, que deixou um legado cultural de tão grande significação para a chamada cultura ocidental, ou na Ásia com suas filosofias e culturas multimilenares que tanto atraem e fascinam a nós, os ocidentais, a preocupação com o deixar escrito algo que transmitisse aos pósteros o seu modo de pensar e de viver sempre esteve presente.

Os governos, no esforço de deixar registro de suas ações, foram os primeiros a cuidar da elaboração e da guarda dos assim chamados documentos, fossem eles monumentais, em pedra, ou transmitidos pelos pergaminhos mais duradouros, como os colocados em frágeis folhas de papel...

Lembro-me ainda, e não faz tanto tempo, que os diplomas das Universidades, mesmo no Brasil, eram impressos em pergaminho para durarem além do tempo de vida daquele que o recebia, tornando-os verdadeiros documentos, símbolos familiares, repassados de geração em geração, à guisa de relíquias de família...

Outra não seria a postura das sociedades medievais na época em que o saber era privilégio da classe detentora do poder, dos príncipes, dos nobres e dos religiosos. O convento medieval guardava a memória do mundo, na maioria das vezes registrada nos textos magnificamente manuscritos e ricamente ilustrados... (não nos esqueçamos do romance de Umberto Eco, *O nome da Rosa...*)

Com Gutenberg e o advento da Imprensa romperam-se muitas das barreiras que preservavam a elitização do conhecimento, dando início ao que poderíamos chamar de vulgarização do saber, etapa do processo de democratização que, quem sabe, poderá ser alcançado com os meios eletrônicos de comunicação, formando o que McLuhan denominou de *global village*. Não obstante as profundas transformações trazidas pelo avanço extraordinário da ciência e da tecnologia permanece, ainda hoje, a importância dos documentos manuscritos como repositórios de informações das épocas passadas. Fato este incontestado na História da sociedade brasileira, como bem comprova a quantidade de documentos com que sempre se depararam os pesquisadores brasileiros ao quererem conhecer o nosso passado colonial, do período que vai de 1500 até a nossa Independência.

O INTERESSE DESPERTADO

Com a Independência do Brasil em 1822, começava-se a delinear uma nova etapa da história de uma nova nação, da pátria brasileira, que emerge como a projeção dos anseios, ideais e valores resultantes do longo e ininterrupto processo de sedimentação dos fatos da história passada, em grande parte produzidos e registrados por documentos. Começam a surgir as primeiras preocupações com a identificação dos registros da história pátria. Muitos documentos deveriam existir espalhados pelo imenso território nacional e nos diversos arquivos estrangeiros. Logo depois de criado, em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) lançou um concurso destinado a procurar orientações para a implementação de um método pelo qual se deveria escrever a História do Brasil. Foi vitoriosa

a dissertação – para usarmos uma palavra de época – escrita por Karl Friedrich Philipp von Martius, depois do seu regresso do Brasil, em Munique em 1843, e publicada em janeiro de 1845 na Revista da já prestigiosa instituição. O jovem botânico, também formado em medicina, que chegara ao Rio de Janeiro em 1817 (no séquito científico da arquiduquesa da Áustria D. Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo, futura Imperatriz do Brasil) para estudar – juntamente com Johann Baptist von Spix – as opulentíssimas flora e fauna brasileiras, assim como as riquezas do subsolo e as populações nativas... ainda mal conhecidas dos meios científicos do Velho Mundo, e que levou Vicente Tapajós a dizer: “*Von Martius observou para além da flora e da fauna e muito ajudou a pensar o nosso Brasil.*”²

Desde a sua fundação que os sócios do IHGB dedicaram-se a delinear a melhor maneira de se escrever a História do Brasil. Dos debates e troca de idéias surge o esboço de um plano de trabalho do que deveria ser uma obra coletiva abrangendo as perspectivas política, civil, eclesiástica e literária dos fatos históricos. Percebeu-se já naquela época a importância dos documentos como a principal fonte de informação e a inevitável necessidade do imenso território que já “*agora principia a sentir-se um todo unido*” e que para realmente tornar possível a integração das partes deste todo era necessário que “*as partes se tornem caras umas às outras.*” (Martius, 1991). Ao escrever essas palavras em 1843, von Martius apontava e defendia a necessidade de se valer dos documentos para uma melhor compreensão dos passados trezentos anos da história da sociedade brasileira, envolvendo os fatos da descoberta, das conquistas e lutas de colonizações, dos enraizamentos, sonhos e projeções futuras de todos os que aqui viveram e vivem.

Logo a seguir, no Segundo Império, com o patrocínio pessoal de D. Pedro II, seguem para Lisboa e outras capitais da Europa os primeiros pesquisadores brasileiros que iriam copiar os documentos e, ao mesmo tempo, vários outros pesquisadores percorriam os arquivos espalhados pelas Províncias brasileiras com a incumbência de *recolher*, visando a identificar, trazer à luz e preservar toda a vasta documentação que *merecia* ser lida e estudada para que se pudesse escrever a História do Brasil. Por razões, hoje óbvias, já que naquela época faltavam um embasamento metodológico e uma organização sistêmica, nem se conseguiu copiar todos os documentos *interessantes* para a História do Brasil, nem foram recolhidos, criteriosamente, os documentos espalhados por todo o território nacional.

Gonçalves Dias, em meados do século XIX, é exemplo de um *literato* – para usar novamente uma palavra de época – que se dedicou a ambos os projetos; andou pela Europa *copiando* documentos e percorreu as Províncias

do Norte *recolhendo* outros tantos, por ele considerados importantes. Mas coube a um jovem professor de História do então já prestigiado Colégio Pedro II, José Maria da Silva Paranhos, que se tornou conhecido como Barão do Rio Branco, o grande impulso que recebeu o projeto de copiagem dos documentos sobre o Brasil existentes nos arquivos europeus. Foi a partir de documentos que ele, debruçado em papéis e mapas, conseguiu fixar as nossas fronteiras nos limites para onde o sonho e os feitos dos antigos colonos tinham levado a língua e a cultura portuguesas. E talvez tenha nascido do patrono do nosso atual Ministério das Relações Exteriores, mais conhecido como Itamaraty, a sensibilidade, o gosto e a dedicação dos diplomatas brasileiros pela história e pelos documentos. Exemplo contemporâneo permanece, sempre, o dos irmãos João e Evaldo Cabral de Melo, que se dedicaram, tanto um como outro, se não mais a copiar, muito mais apropriadamente a *resumir em verbetes* os documentos dos Arquivos Europeus (Sevilha, por João Cabral de Melo Neto) e a utilizar das fontes existentes no exterior para escrever seus magníficos livros sobre o período holandês (Evaldo Cabral de Melo). São inúmeros os diplomatas e historiadores que ontem e hoje se dedicaram e continuam a se dedicar a estas ingentes e importantes tarefas.

Quando Capistrano de Abreu pensara, por volta de 1915, retomar os seus Capítulos de História Colonial, *adiava o empreendimento definitivo, pois achava prematuro pensar em escrever História do Brasil, à vista do Catálogo de Manuscritos do Conselho Ultramarino, começado a publicar pela Biblioteca Nacional, sob a direção de Manuel Cícero*. Dizia Capistrano, em carta a Mário de Alencar, datada de 9 de janeiro de 1910, *só conhecemos os documentos triviais, dos mais importantes, dos fundamentais, só agora se vai conhecendo a existência*. Ora, vejamos o que àquela época fazia a Biblioteca Nacional... Tinha comissionado o pesquisador português Eduardo de Castro e Almeida a realizar um trabalho que, tal como o próprio Capistrano apontava, seria de inestimável apoio para as pesquisas históricas brasileiras.

Desde 1866 que Capistrano falava na necessidade de *enviar uma pessoa moça que, residindo em Lisboa, fizesse alguma coisa pelas pesquisas históricas...* Esta iniciativa da Biblioteca Nacional, *inspirada por Capistrano, fiscalizada por Capistrano, apoiada por Capistrano* (grifo é nosso), no dizer de José Honório, foi um esforço que, infelizmente, não prosseguiu avante. Apenas uma pequena parte da documentação da Capitania da Bahia e do Rio de Janeiro foi *trabalhada* e não teve continuidade pois não teve sucessor. Trabalho de igual fôlego só foi novamente realizado por ocasião das Comemorações do 400 anos da criação da cidade de São Paulo, quando encomenda semelhante foi atribuída a Alfredo Mendes Gouveia, que nos legou 15 alentados volumes publicados pelo IHGB, em sua Revista. Cabe-nos acrescentar, por oportuno,

o volume de Luisa da Fonseca sobre os documentos da Capitania da Bahia, século XVI-XVII, publicados, também, nos anos 50 pelo Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Mas os documentos que Castro e Almeida, Mendes Gouveia e Luisa da Fonseca deram a conhecer aos pesquisadores brasileiros, com os seus completos e longos verbetes-resumos e índices de pesquisa representavam, apenas, 339 caixas das mais de 2000 que se encontram hoje nas estantes do Arquivo Histórico Ultramarino, ao lado de cerca de 800 Códices. Pouco mais de 15 por cento do total de documentos a serem desvelados aos olhos dos pesquisadores que se interessam pela História do período colonial brasileiro.

A RETOMADA DOS SONHOS

Durante os anos 70, inúmeros foram os pesquisadores que influenciados pelos ideais de Capistrano de Abreu voltaram os seus olhos e os seus empenhos para os documentos do antigo Conselho Ultramarino. Foram até Lisboa, debruçaram-se nas caixas de inúmeras Capitánias, fizeram pequenos inventários, cada um a seu modo, chegaram mesmo a utilizar os modernos métodos de microfilmagem, já disponíveis naqueles anos, e deixaram os resultados de seus trabalhos nos diversos Departamentos de História das diferentes Universidades brasileiras a que cada um estava ligado. Assim ocorreu no Amazonas, no Ceará, no Espírito Santo, em Sergipe, na Bahia, em Santa Catarina, no Rio Grande do Norte, entre outros. Alguns Índices, datilografados, resultado destes esforços em relação ao imenso acervo documental e que a direção do Arquivo Histórico Ultramarino colocava à disposição dos pesquisadores na sua sala de leitura, foram perdendo, ao longo do tempo, sua utilidade porque desarrumaram e rearrumaram os documentos nas latas (caixas metálicas, tipo gavetas, onde se guardam até hoje os documentos avulsos do Conselho Ultramarino).

Oxalá a Comissão de Estudos dos Textos de História do Brasil, criada em 27 de março de 1943, tivesse dado continuidade ao Plano estabelecido com as achegas de José Honório e consolidado pela Portaria do Ministério das Relações Exteriores de 19 de janeiro de 1956, de fazer nos arquivos históricos de Portugal e da Espanha, *um índice geral da documentação referente ao Brasil, que neles se encontrare e proceder à cópia dos documentos indicados, seja, escrita, fotografada ou microfilmada, conforme as condições e possibilidades, o quanto já ter-se-ia caminhado nesta tarefa e que resultados já teria produzido!*

Talvez tivéssemos poupado recursos, tempo e esforços. Isto porque os Catálogos como os produzidos pelo Embaixador João Cabral de Melo Neto (sobre os documentos existentes nos Arquivos das Índias, em Sevilha), e

por Cícero Dias (naqueles existentes na Biblioteca de Santa Genoveva, em Paris) teriam se juntado a tantos outros não só dos arquivos portugueses e espanhóis, mas, ao concluírem-se esses, aos que surgiriam dos levantamentos dos arquivos holandeses, franceses, ingleses, italianos e de todos os outros países que, direta ou indiretamente, estiveram ligados à História da nação brasileira.

É o que agora estamos a fazer com o PROJETO RESGATE DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O BRASIL COLÔNIA EXISTENTE NO EXTERIOR “BARÃO DO RIO BRANCO,” que pode ser visto como um embrião, uma semente que, fecundada, dará partida a um processo que se projetará infundavelmente através dos tempos no esforço de melhor se conhecer o passado de nossa pátria. Atualmente é coordenado pela Assessoria Especial do Ministério da Cultura sob inspiração e incentivo do Embaixador Wladimir Murtinho, figura impar que nos anos 80 à frente da Fundação Alexandre de Gusmão e com a ajuda do jovem historiador Leopoldo Collor Jobim começou a reunir e a conscientizar, em torno da idéia da retomada dos antigos ideais de copiagem dos documentos existentes nos arquivos europeus, os professores e historiadores que contemporaneamente tinham se debruçado sobre os documentos manuscritos, avulsos, para ordená-los e catalogá-los de forma definitiva. Alguns anos se passaram desde 1983, quando reunidos no Itamaraty do Rio de Janeiro, o Embaixador Wladimir Murtinho e José Honório Rodrigues partem para re-desenhar um projeto para que as fontes documentais do passado colonial brasileiro pudessem, real e efetivamente, estar disponíveis, na sua integridade informacional, a todo e qualquer pesquisador, uma vez que a microfilmagem sistêmica se consolidava e tudo era só uma questão de articulação e amalgamagem.

Daquela reunião do Itamaraty até o início do PROJETO RESGATE mais de vinte anos se passaram, alguns dos personagens envolvidos deixaram o nosso convívio, mas os que restaram mantiveram-se despertos e atuantes como que esperavam a oportunidade, como que na espreita, do momento favorável que deveria surgir, de receber o apoio das autoridades competentes, poderem deslanchar, novamente, o processo, agora em moldes definitivos, marcados pela modernidade das normas arquivísticas internacionais e respaldados pelas Resoluções da UNESCO. O moderno princípio de *patrimônio comum* atribuído aos documentos do passado de dois países ligados pelos laços do colonialismo e que hoje seguem com independência cada um o seu rumo, parte do pressuposto de que uma sociedade para conhecer a sua verdadeira identidade tem de, necessariamente, conhecer o seu passado, forjado em fatos, na sua maioria descritos em documentos... Se esgota assim o princípio de *propriedade exclusiva* do documento histórico, atribuída a uma das partes da relação colonizador/

colonizado e que tendia a privilegiar a parte mais forte da relação, com os possíveis vetos e manipulações que dificultavam e mesmo impediam a identificação da verdadeira identidade do mais fraco.⁵

Os princípios de *patrimônio comum* e de *herança da humanidade* consagram o direito inalienável de ambos os estados e – ousaria mesmo dizer – de todos os estados, a terem a propriedade do documento histórico, a uns a sua propriedade real, detentores que são do documento, a outros a sua propriedade virtual, uma vez que o documento pode ser integralmente reproduzido em cópias fac-similadas em fotogramas. Não importa mais quem detenha o documento original, ambos os estados têm o direito ao conteúdo integral dos mesmos, através da microfilmagem, e podem fazer uso do conjunto documental como se seu fora, pois ele diz respeito a seu passado, parte integrante de um passado comum.. Uma ampliação do conceito de *patrimônio comum*, começa a surgir com o princípio de *memória do mundo e herança da humanidade*, permitindo a todos os homens compartilharem do passado, pois os elos da cadeia humana são muito mais amplos e importantes que o traçar das fronteiras que, delimitando os estados e separando os povos, pudessem escrever Histórias autárquicas, isoladas umas das outras. É o que a História moderna está a nos ensinar e cada vez mais neste final do século XX, prenúncio do que continuará a ser no século XXI.

Sem dúvida que a proximidade do ano 2000, tempo em que se anunciavam e projetavam as primeiras idéias voltadas para o que deveriam ser as grandes comemorações da chegada de Pedro Álvares Cabral a Porto Seguro, incentivou-nos a todos a dar passos firmes e decisivos na busca dos documentos do nosso passado, para conhecermos os *primeiros 300 anos de nossa História escrita*, como costumava dizer Pedro Calmon.

Coube-me a honra de ser a Coordenadora Técnica do PROJETO RESGATE e de, no desempenho desta função, me envolver direta e profundamente em todas as etapas deste desafiante trabalho, difícil e cansativo, mas extraordinariamente gratificante, que motiva e empolga a todos nós, para muito além do dever funcional.

O gentil convite de Gilda Santos de escrever um artigo sobre o PROJETO RESGATE oferece-me a oportunidade, há muito desejada, de deixar registrado na Revista do REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA um esboço do nosso trabalho *neste ano em que, de todos os modos e por toda parte, se comemoram os 500 anos do Brasil*.

Os trabalhos que foram, que estão e que ainda deverão ser realizados em Lisboa, nas suas diferentes etapas, não só lendo e relendo os documentos, tentando decifrar as suas palavras e abreviaturas e, depois, as necessárias e cansativas revisões dos verbetes-resumos e a elaboração dos Índices vem

recebendo o reconhecimento e os melhores aplausos das duas pátrias, ao constatarem que o PROJETO RESGATE visa a colocar à disposição de todos os dados históricos, objetiva e diretamente colhidos na fonte primária dos documentos, que permitirão recriar uma nova História comum.

Isto nos emociona e gratifica e é em nome de todos os que neste pleito imenso se envolvem que recebo as homenagens e as vênias que vamos colhendo ao longo desta emocionante aventura: a aventura histórica da *Descoberta dos Documentos*.

Convocar consagrados pesquisadores, historiadores, paleógrafos, arquivistas, assim como jovens que iniciam suas carreiras, conseguir recursos para mantê-los em Lisboa, por longos períodos, meses a fio nas salas do Arquivo Histórico Ultramarino, à Calçada da Boa Hora, nº 30, no Restelo, manter a continuidade do labor conjunto de brasileiros e portugueses, lado a lado, empenhados a desvelar uma história comum, repleta de detalhes e coisas novas, ainda não desveladas e que emocionam o mais calejado dos pesquisadores, enfrentar, equacionar e compor as mil e uma surpresas que surgem a toda hora e próprias de um trabalho de tais dimensões, o querer vencer as barreiras e obstáculos de práticas enrijecidas e acomodadas ao longo do tempo são o desafio constante que levaria qualquer um ao desânimo e a uma justificada rendição não fossem a confiança e a esperança suscitadas pelo significado do próprio trabalho em si e pela alegria e euforia com que vão sendo recebidos os resultados tanto por aqueles que diretamente estão empenhados em produzi-los como por aqueles que deles se valerão nos seus trabalhos futuros.

Emociona-me ver brilhar os olhos cansados das inúmeras horas diárias de leitura exaustiva dos documentos, textos manuscritos que os conhecimentos de paleografia conseguem decifrar. Como gostaria que os seus rostos, as suas fisionomias por vezes refletindo o peso do cansaço das horas trabalhadas, estivessem visíveis e gravadas na memória de todos aqueles que do fruto deste labor irão se valer. Olhos cansados das telas dos computadores e da leitura continuada dos documentos dos séculos XVI-XVIII

Todo trabalho traz em si um quê de magia que atrai e fascina, quando feito com amor e empenho, mormente quando interage com quem o realiza, permitindo a liberação da capacidade de doação própria do ser humano.

Creio poder afirmar que esta é a chave, o segredo do sucesso que vamos colhendo com os trabalhos do PROJETO RESGATE, a capacidade de tornar gratificante um trabalho que possui todos os ingredientes que o tornaria insípido, enfadonho e desinteressante.

Mas o que dizer das pessoas envolvidas neste trabalho, daqueles que nos têm apoiado e colocado os meios à nossa disposição?

A emoção e o prazer de ver reconhecido o trabalho que permite conhecer o conteúdo exato de um documento na sua inteireza, os fatos que envolveram os vultos históricos que já povoam as nossas mentes e as descobertas de episódios e de personagens que seriam inexoravelmente tragados pelo caudal do desaguar do tempo histórico e que tenderiam a se perder no olvido sem registro do anonimato, são, talvez, as linhas de força que movem os braços cansados e firmam a vista embaralhada daqueles que, como Sísifo, enfrentam uma tarefa acima de suas forças.

São tantos os nomes que teriam de ser ditos e escritos em letras maiúsculas quando se quer identificar e homenagear todos os que colaboraram e colaboram nesta obra coletiva, ímpar, que imbrica gerações e gerações de sonhos.

Poucas vezes um trabalho conseguiu amalgamar e irmanar o empenho de alguns por tanto tempo. Creio que podemos nos utilizar aqui das palavras de Wiston Churchill diante das batalhas aéreas que se travavam nos céus da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial, *nunca tantos deveram tanto a tão poucos*.

Será sempre assim, com este pleito de gratidão, que Brasil e Portugal irão para todo o sempre reverenciar aqueles que têm os seus nomes gravados nos rolos dos microfimes, nos CD-ROMS e nos Catálogos e que serão identificados quando os suportes da documentação forem consultados na busca de um dado que possa ilustrar um episódio, quando se estabelecer o reencontro das raízes da origem de um fato ou o precisar de uma data. A eles reporto sempre as homenagens recebidas e é como se todos estivéssemos assinando, conjuntamente, os artigos publicados nas revistas, como estas anotações para o número especial de CONVERGÊNCIA.

Certamente que nos cabe dizer que todos nós, que nos empenhamos agora neste trabalho, não somos melhores ou mais bem dotados do que aqueles que nos antecederam nas diversas tentativas e etapas anteriores. Diria mesmo que somos apenas mais afortunados, porquanto pudemos desfrutar de condições especiais (e aqui cabe referenciar o nome do Ministro da Cultura, Francisco Weffort, como um dos mais entusiasmados dos que nos apoiaram) que favorecem a realização de uma tarefa desta portada. Senão vejamos: as extraordinárias conquistas da ciência e da tecnologia que nos fornecem todo um instrumental que facilita imensamente a realização e a continuidade dos trabalhos; o momento histórico, assaz propício, dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, que motivou a todas as autoridades dos governos brasileiro e português; o inconsciente coletivo que projeta uma conscientização capaz de levar a sociedade civil a desejar

colaborar com recursos que complementam as dotações orçamentárias, sempre tão parcas para empreendimentos desta natureza. Assim é que os documentos custodiados por tão longos anos em Lisboa e que retratam os fatos acontecidos nos séculos XVI a XIX são lidos em telas de computadores, reproduzidos em microfimes e, através de CD-ROMS, chegam aos mais afastados recônditos brasileiros ligando-os, através dos fatos passados, ao esforço com que, presentemente, se constrói uma sociedade que se pretende mais justa e mais humana.

O pesquisador contemporâneo, quer no Brasil, em Portugal ou em qualquer outro lugar, pode, nos centros de pesquisa ou no recesso de seu próprio lar, dispor de cópias fac-similadas que lhe darão a segurança e a certeza de estar consultando a reprodução idêntica, fotográfica, dos documentos que irão fundamentar os seus trabalhos.

Formamos uma comunidade de trabalho e a ela reparto e transfiro sempre os encômios e as loas que vou colhendo, bem como as honrarias com que galardoam um trabalho que, antes de tudo, é um trabalho impessoal, porquanto comum, mas não anônimo, já que a participação de cada um ficará indelevelmente registrada.

Permitam-me afirmar e o faço com justo orgulho e tranqüila convicção que a equipe que recebeu a incumbência de realizar o PROJETO RESGATE e que hoje se estrutura como uma verdadeira comunidade luso-brasileira de trabalho, tem correspondido, plenamente, às expectativas que foram formuladas quanto ao que se poderia fazer e que o que estamos alcançando irá contribuir de forma indiscutivelmente positiva para que se possa melhor conhecer a História de nossas duas pátrias, do Brasil e de Portugal.

O que nos envaidece, sobremodo, é podermos constatar que o PROJETO RESGATE é um dos poucos consensos que une uma grande maioria de modos de pensar, muitas vezes tão divergentes, tanto no Brasil quanto em Portugal, com relação às comemorações dos 500 anos do Descobrimento. O fato incontestado, acima das ideologias e das avaliações, sempre imprecisas porque eivadas de subjetividade, é a necessidade de se conhecer os fatos históricos através da materialidade contida nos documentos que os reproduzem.

Tivemos um passado comum, intensamente vivido ao longo de 300 anos que registram o período em que as terras que formam o Brasil de hoje estiveram diretamente vinculadas e subordinadas à Coroa portuguesa. Ao longo deste tempo, construiu-se uma sociedade que, assim como toda outra sociedade humana, foi forjada com erros e acertos. Deste passado, já bem distante mas ainda não remoto, temos de conhecer, se quisermos cumprir com o que nos cabe, e vivermos conscientemente o presente, analisando o passado, a fim de construirmos o futuro.

OS RESULTADOS CONCRETOS NA CASA DO BRASIL

– O ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Ao alinhar os resultados que vão compondo este imenso mosaico histórico permito-me lembrar as palavras de alguns outros historiadores, além dos já citados, que anteviram a importância de um trabalho sistemático de levantamento e divulgação dos documentos custodiados nos diferentes arquivos europeus para a melhor compreensão da história colonial comum.

Neste sentido, Alberto Iria⁶ cita palavras pronunciadas por Valentim Benício da Silva, no REAL GABINETE POTUGUÊS DE LEITURA, em 1945, *...separanos a vastidão dos mares, já hoje sem expressão em face da tenuidade dos ares, mas congrega-nos, além do sangue, a tradição e os sentimentos...*

Alberto Iria, laborioso diretor do Arquivo Histórico Ultramarino (a ele devemos alguns inventários e catálogos dos poucos publicados em Lisboa) lembrava o problema do *desconhecimento de muitas fontes históricas que, ainda inéditas, e felizmente conservadas em muitas das nossas Bibliotecas e Arquivos, quer públicos, quer particulares, e que aguardam a hora de sua publicação.*” E mais, querendo enfatizar a importância da catalogação dos documentos, Iria transcreve também as palavras de A. de Magalhães Bastos: *Nesta época, em que têm tomado tão grande desenvolvimento os estudos da história luso-brasileira, não é dos menores serviços que se podem prestar aos investigadores interessados por esses trabalhos fazer a publicação de inventários dos documentos que se guardam – tantos deles ignorados – nos Arquivos, ou até, sendo exequível, a publicação dos próprios documentos quando inéditos ou pouco conhecidos...?*

Quase como em um Relatório, permitam-se esmiuçar os resultados já alcançados e os que estão prestes a serem colhidos com relação aos trabalhos realizados em Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino que Pedro Calmon com propriedade chamava de *A Casa do Brasil*. Creio que emociona a todos nós brasileiros que por ali passam defrontar -se com uma rua vizinha que tem o nome de Pedro Calmon onde se lê na placa indicativa: “historiador brasileiro e amigo de Portugal.” Ao insigne mestre a nossa homenagem.

O esforço de todos, embora importante e meritório, nada mais é pois do que a concretização dos ideais e dos empenhos de todos os que nos antecederam. E a nossa parte nesta obra comum que varou gerações, é como que o de pavimentar uma estrada locada, traçada e aberta pelas diferentes frentes de trabalhos desde o início do século XIX

Os documentos sobre o Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino encontram-se divididos em três grandes conjuntos:

I – Documentos avulsos (SALA DO BRASIL)

II – Os reunidos em Códices (SALA DOS CÓDICES)

III– A Cartografia e Iconografia – resguardados em confortáveis mapotecas

No seu desenho inicial, o PROJETO RESGATE contemplou na sua primeira fase – e não sem motivo – a re-organização, verbetagem e microfilmagem de todos os documentos de interesse para o Brasil existentes no AHU. O número de caixas por ordenar e proceder a uma leitura e releitura minuciosa, embora sendo considerada como um grande esforço, não nos parecia impossível de ser realizada, se bem que em alguns momentos chegássemos a pensar que a tarefa hercúlea estava acima de nossas forças e dos recursos colocados à disposição do PROJETO RESGATE.

Mas, com o apoio e as achegas de muitos, vimos pouco a pouco o velho sonho começar a tornar-se realidade. Foram sendo amalgamados e modernizados os textos, harmonizados os trabalhos de vários pesquisadores, consolidados os dados, a linguagem, tudo para melhor disponibilizar a informação ao usuário.

A cada dia e com o avanço dos trabalhos, vemos o conjunto documental crescer e se complementar. O PROJETO RESGATE conseguiu, no que diz respeito à documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, completar de forma definitiva a organização dos documentos, uma vez que foram sendo numerados, um a um, em agora cotas permanentes. Os diversos conjuntos, quando considerados prontos, são microfilmados no âmbito do PROJETO RESGATE. Chegados os rolos ao Brasil, são digitalizados e transferidos para CD-ROMS de pesquisa, passando a ser acessíveis *urbi et orbi* no Brasil e/ou em Portugal e onde quer que estejam pesquisadores interessados na história comum, principalmente nos países lusófonos, apoiados pelos Catálogos que se vão publicando, com a ajuda de novos parceiros.

Assim é que estão sendo disponibilizados:

- DOCUMENTOS COLONIAIS DE MINAS GERAIS

Foi o primeiro conjunto documental a ser concluído graças aos esforços e à coordenação do Prof. Dr. Caio César Boschi, que, desde 1989, vinha realizando a organização e catalogação dos cerca de 14.000 documentos, mais precisamente 13.969. O Ministério da Cultura, com o apoio de diversas instituições públicas e privadas: CNPq, Fundação VITAE, PUC-MINAS, MICROSERVICE, TAP-Air Portugal, VARIG, iniciava em 1994 a grande viagem pelo mar-oceano dos documentos para resgatar a memória histórica do Brasil contida nos documentos coloniais. Naquele momento foi decisiva a firme determinação do Ministro Francisco Weffort e a parceria com a Fundação Alexandre de Gusmão, do Ministério das Relações Exteriores. Seremos também para sempre gratos ao apoio recebido dos então Embaixadores do Brasil em Portugal, José Aparecido de Oliveira e Itamar Franco. O Catálogo, em três volumes, publicado pela Fundação João

Pinheiro/Governo do Estado de Minas Gerais, em 1998, além de reproduzir os verbetes-resumos que antecedem os documentos originais na microfilmagem, e que visam a oferecer aos pesquisadores os elementos facilitadores da leitura do conteúdo dos mesmos, apresenta o acréscimo de extensos e complexos Índices que *remetem*, diretamente, aos documentos originais, em sua forma resumida e que se encontram nos seus dois primeiros volumes (Boschi, 1998) da mesma forma que às imagens dos mesmos nos microfimes ou em sua versão em CD-ROMS. Em significativa solenidade realizada em Belo Horizonte, no Palácio da Liberdade, com a presença do Governador e demais autoridades, o Ministro Francisco Weffort deu início ao processo de democratização do acesso aos documentos mineiros contidos nos rolos de microfimes e nos CD-ROMS, hoje plenamente disponibilizados e intensamente utilizados em diversas instituições, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e em Brasília, como também em Portugal. Não mais são necessárias as custosas e demoradas viagens, nem se permite mais o manuseio dos documentos originais, com grande economia de tempo e de recursos dos pesquisadores e a certeza da preservação dos originais para futuras gerações. Esse imenso conjunto documental relativo a Minas Gerais poderá, no dizer abalizado do coordenador acadêmico do PROJETO RESGATE/MINAS, Prof. Boschi, *vir a desfazer muitos equívocos historiográficos e fazer emergir novas problematizações, e ainda mais, trazer um conhecimento mais amplo e vertical das estruturas administrativas das Minas Gerais Coloniais e das suas congêneres metropolitanas*. São 174 rolos de microfimes transferidos para 54 CD-ROMS que oferecem aos pesquisadores cópias fiéis dos documentos originais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino. Cabe, agora, aos pesquisadores e historiadores desvelarem os véus que encobrem os fatos para escreverem a verdadeira história deste rincão brasileiro..

- DOCUMENTOS DO ESPÍRITO SANTO

Também o conjunto documental da antiga Capitania do Espírito Santo, objeto de acurado estudo do Prof. João Eurípedes Franklin Leal, da Universidade Federal do Espírito Santo e hoje na Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), nos anos 70, foi re-estudado e re-ordenado, com a elaboração de novos verbetes-resumos antes de serem os documentos microfilmados. Neste trabalho contou com a colaboração do jovem paleógrafo Gilson Sérgio Matos Reis. Hoje estão os verbetes disponíveis na INTERNET na *home-page* do Arquivo Público do Espírito Santo e circulam nos centros de pesquisa e universidades do Estado, além do Rio de Janeiro, Brasília e de todo o Brasil, acompanhados de Catálogo com os verbetes e os Índices que facilitam a procura dos documentos de interesse específico dos pesquisadores. Devemos ao Prof. Franklin a possibilidade do PROJETO

RESGATE dispor de seu antigo trabalho acadêmico, feito com o apoio de instituições financiadoras de pesquisa, particularmente dos recursos concedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian. O Catálogo, publicado graças ao apoio do Secretário de Cultura do Estado, Dr. Maciel de Aguiar, e que foi lançado em solenidade realizada no Palácio Anchieta em Vitória com a presença do Governador do Estado, atingiu seu objetivo máximo: dinamizar a pesquisa nas fontes documentais coloniais sobre a antiga Capitania do Espírito Santo, ajudando a todos os que desejam se debruçar sobre o seu período colonial e que não mais precisam se deslocar até Lisboa para pesquisar e ter acesso aos documentos originais.

- DOCUMENTOS DO CEARÁ

A documentação do Ceará colonial tem sido desde sempre objeto de pesquisa e estudos dos mais significativos historiadores cearenses, entre os quais se destaca o seu vulto maior, o Barão de Studart. Nos anos 70 uma jovem professora cearense, Maria Célia de Araújo Guabiraba, foi até Lisboa, com bolsa da Fundação Gulbenkian para pesquisar nos documentos, à época armazenados em caixas e maços e que mais tarde foram totalmente reorganizados. A professora Maria Célia elaborou um Catálogo com verbetes-resumos da documentação que lera em Lisboa, dotando o mesmo de um Índice. O Catálogo que não chegou a ser publicado foi utilíssimo para os trabalhos posteriores realizados com os documentos desta Capitania. Com as novas achegas de documentos e re-organização completa, a documentação da Capitania do Ceará foi mexida e remexida ao longo dos tempos. No âmbito do PROJETO RESGATE procedeu-se a uma nova leitura paleográfica e à elaboração de verbetes agora padronizados segundo as exigências da sistemática em operação. Devido ao acréscimo de novos documentos, quase 30 por cento, foi necessário elaborar também um novo Índice. A documentação colonial do Ceará já se encontra inteiramente disponível em 22 rolos de microfimes, transferidos para três CD-ROMS e, juntamente com o Catálogo, foi disponibilizada após lançamento em Fortaleza, na sede do Instituto do Ceará, em 1999, e está distribuído nos centros de pesquisa do Rio de Janeiro e Brasília, em cópias dos microfimes e dos CDs. O Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, da Universidade Federal do Ceará, esteve à disposição do PROJETO RESGATE para realizar e coordenar as novas pesquisas em Lisboa. Os trabalhos dos documentos do Ceará colonial contaram com o apoio financeiro da Caixa Econômica Federal/Sasse, do Banco do Nordeste e das fundações privadas cearenses Demócrito Rocha e Waldemar Alcântara, além do apoio e do entusiasmo do Senador Lúcio Alcântara e do Cel. Paulo Ayrton, Presidente do Instituto do Ceará. Os pesquisadores cearenses têm na figura do Barão de Studart o exemplo singular de labor

documental quando no século XIX percorreu os arquivos europeus para copiar e trazer para o seus coetâneos os documentos coloniais. O Ministério da Cultura complementou os recursos que possibilitaram a realização dos trabalhos em Lisboa. O Instituto do Ceará foi o nosso parceiro constante, incentivando, apoiando e nos ajudando a superar as dificuldades e obstáculos e em sua sede foi realizada a solenidade de entrega dos documentos aos pesquisadores cearenses.

- DOCUMENTOS DE SERGIPE

Graças ao esforço da Prof^a. Dr^a. Maria Thetis Nunes que, nos anos 70, dedicou-se em Lisboa a ler e verbetar os documentos de Sergipe colonial, pudemos, mais rapidamente, com a ajuda do Prof. Mestre Lourival Santana Santos, re-organizar os documentos, dando um ordenamento definitivo com os novos documentos que após este período tinham sido localizados. O paleógrafo e historiador sergipano Gilson Sérgio Matos Reis colaborou na revisão dos verbetes em Lisboa. Uma vez microfilmados em sete rolos de microfilme, os 619 documentos arrumados em capilhas deram origem ao Catálogo publicado pela Universidade Federal de Sergipe e a dois CD-ROMS. O conjunto documental hoje entregue à comunidade sergipana de pesquisadores são lidos e relidos sob as diferentes perspectivas daqueles que buscam informações dos mais diversos assuntos. As ajudas financeiras do Governo do Estado de Sergipe, da Fundação Clemente Mariani e do CNPq, complementaram as verbas do Ministério da Cultura e permitiram a conclusão dos trabalhos.

- DOCUMENTOS DE MATO GROSSO

O conjunto documental composto hoje de 2.221 verbetes-resumos, foi microfilmado em 39 rolos de microfimes e transpostos para nove CD-ROMS já pode ser pesquisado nos dois estados, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, graças à união de diversas instituições culturais e universidades, tanto que, no passado recente como hoje, souberam somar esforços e recursos com a inestimável colaboração da Casa da Memória Arnaldo Estevão de Figueiredo. Os trabalhos do PROJETO RESGATE relativos à documentação da antiga Capitania de Matto Grosso foram em muito facilitados e impulsionados pela ação dinâmica de Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro em cuja férrea vontade e determinação nos apoiamos sempre que foi necessário. A ela devemos o fato de já estar publicado o Catálogo de verbetes que dará acesso às informações resumidas que remeterão aos *fotogramas* e aos *bits* que substituem os papéis guardados em Lisboa, mas que darão as mesmas informações aos interessados. O trabalho, no âmbito

do PROJETO RESGATE, em Lisboa, contou com a colaboração de Dora Ribeiro e de Edvaldo de Assis, que consolidaram e ampliaram o antigo trabalho da professora Maria Cecília Guerreiro de Souza, da Universidade Federal de Mato Grosso/Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional. Importantes foram também os apoios dos Institutos Históricos dos dois Estados e de todas as Universidades, públicas e privadas.

- DOCUMENTOS DE ALAGOAS

O pequeno, mas não menos importante conjunto documental de Alagoas colonial, com os seus 532 verbetes-resumo, é bem o exemplo do esforço e da dedicação dos pesquisadores que, em Lisboa, além de suas tarefas formalmente programadas, se deixaram levar pelo encantamento e pela magia do trabalho que se instalou na equipe. Graças ao entusiasmo do Prof. Mestre Lourival Santana Santos, que foi além de suas tarefas, conseguimos rapidamente organizar os documentos alagoanos e microfilmá-los em nove rolos. Já estão disponibilizados em um CD que, juntamente com o Catálogo, publicado pela Universidade Federal de Alagoas, graças ao empenho do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Dr. Jayme Lustosa de Altavilla, já estão à disposição de todos.

- DOCUMENTOS DO RIO GRANDE DO NORTE

Estado com grande tradição na área da pesquisa histórica e berço de Luiz da Câmara Cascudo, não poderia o Rio Grande do Norte deixar de responder prontamente ao apelo do PROJETO RESGATE enviando um “jovem” pesquisador a Lisboa. Hoje, na trajetória sempre crescente da participação das mulheres no mundo do trabalho, foi-nos possível contar com o concurso de uma jovem professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Fátima Martins Lopes que, com grande competência e dedicação, debruçou-se sobre os documentos da antiga Capitania do Rio Grande do Norte para re-organizar, melhorar e preparar os Índices do Catálogo já na fase final de impressão. São 684 documentos microfilmados em 12 rolos e digitalizados para um CD. Muitos documentos que estavam guardados em caixas de outras capitanias vieram para o seu lugar certo e hoje estão disponíveis para os pesquisadores locais. São documentos que certamente nunca seriam lidos pelos pesquisadores pois estavam inadvertidamente colocados nas caixas das Capitanias de Rio Grande de São Pedro, de Pernambuco, ou nas inúmeras caixas da Capitania da Bahia. Um antigo trabalho do Prof. Ivoncísio Meira de Medeiros na década dos anos 70 e que arrolou cerca de 400 documentos serviu de base para a catalogação definitiva dos documentos neste ano em que se comemora os 400 anos da cidade de Natal... Como em

outros estados, o apoio do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Dr. Enélio Lima Petrovich, foi da maior importância.

- DOCUMENTOS DA ANTIGA CAPITANIA DO RIO NEGRO

(ATUAL ESTADO DO AMAZONAS)

Desde o início percebemos que o tratamento técnico a ser dado ao conjunto documental das antigas Capitânicas do Maranhão, Pará e Rio Negro deveria ser realizado por uma mesma equipe e sob a mesma coordenação. Isto foi feito com o apoio e coordenação do Prof. Dr. Caio César Boschi que, tendo concluído os trabalhos referentes à documentação das Minas Gerais Colonial, colocou-se à disposição para, juntamente com a equipe que formara, enfrentar o desafio de separar os documentos imbricados dos três conjuntos documentais. Tarefa difícil e complexa, fez com que todos os prazos fossem ultrapassados, sucessivamente. E não podia ser diferente, era o próprio trabalho que impunha, exigindo sempre novas e novas revisões...

Finalmente, o menor dos conjuntos ficou pronto: a Capitania do Rio Negro, com precisos e preciosos 750 verbetes-resumos microfilmados em 21 rolos. O Catálogo está em fase final de publicação graças ao empenho do Reitor da Universidade do Amazonas, Dr. Walmir Albuquerque Barbosa e do Prof. Francisco Jorge dos Santos. Renova-se assim o entusiasmo e o labor dos antigos pesquisadores do Museu Amazônico/Centro de Estudos da Amazônia – CEDEAM. Em breve teremos disponibilizados os CDs e o Catálogo que, juntamente com os microfimes, irão poder retratar os fatos ocorridos no vasto território amazônico durante este período de nossa História.

- DOCUMENTOS DO MARANHÃO

O Ministério da Cultura, com o apoio de recursos provenientes das mais variadas fontes – Governos dos Estados do Maranhão, Pará e Amapá, CNPq, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (CNCDP), AUVPEAR/MA, deu condições ao Prof. Dr. Caio César Boschi e à sua equipe, coordenada a partir da PUC/MINAS, de enfrentarem o desafio de organizar os 13.118 documentos relativos à Capitania do Maranhão. Os trabalhos relativos à elaboração dos verbetes-resumos e dos Índices foram concluídos depois de muitas revisões e têm permitido a microfilmagem acelerada em Lisboa, em fase de conclusão, ao mesmo tempo em que se prepara, em São Luiz, sob a coordenação da Diretora do Arquivo Público do Estado, historiadora Maria Raimunda de Araújo, e do ilustre maranhense, Presidente da Academia Maranhense de Letras, Jomar Moraes, os volumes para a edição do Catálogo. Na seqüência, preparam-se os CDs

dos quase 200 rolos que abrigarão a integralidade dos documentos referentes à rica história do sofisticado estado do Brasil, já tão conhecido de todos pela presença da bela memória arquitetônica portuguesa na sua capital.

- DOCUMENTOS DO PARÁ

Igual esforço – também de enorme portada – está sendo feito neste momento em Lisboa para a revisão dos verbetes-resumos e a numeração definitiva dos documentos em suas capilhas. São mais de 13.000 documentos a serem posteriormente microfilmados. Seguindo-se as etapas já consagradas do PROJETO RESGATE, após a microfilmagem, serão produzidos os CDs e publicado o Catálogo. A visão global dos três conjuntos documentais trará certamente novas luzes ao estudo da penetração da região amazônica, ainda tão desconhecida de nós, neste ano 2000. Oxalá os fatos da história do nosso passado nos ensine, ao ocuparmos hoje sócio-economicamente a Amazônia, a preservar o equilíbrio ecológico necessário e indispensável ao Brasil e ao Mundo. De grande apoio e incentivo foi a atuação dos diretores do Arquivo Público do Estado, professores Márcio Meira e Geraldo Mártires Coelho, eles que à frente de um dos mais ricos arquivos em acervo colonial conservado em nosso país deram ao PROJETO RESGATE o estímulo financeiro e acadêmico necessário. A documentação das três antigas Capitânicas é de grande interesse para os novos Estados do Amapá, Acre e Rondônia, que receberão em CDs toda a documentação.

- DOCUMENTOS DE SANTA CATARINA

São 619 documentos já microfilmados em 11 rolos e digitalizados em um CD. Um primoroso Catálogo foi editado com o apoio da Universidade Federal de Santa Catarina e da Assembléia Legislativa do Estado, fruto do empenho e do trabalho, em Lisboa, de dois pesquisadores do Departamento de História da UFS, Professores Doutores Élio Cantalício Serpa e Maria Bernadete Ramos Flores. Um ilustre pesquisador catarinense, Prof. Walter Piazza, merece ser sempre citado, ele que nos anos 70 empenhou-se na leitura e microfilmagem dos documentos para escrever a história da presença da colonização açoriana em terras catarinenses. O PROJETO contou com o apoio da FAPESP e VITAE, além de recursos do Ministério da Cultura.

- DOCUMENTOS DE GOIÁS

A documentação da antiga Capitania de Goiás que hoje abrange os Estados de Goiás e de Tocantins, estava toda por organizar. Era um daqueles conjuntos difíceis e que só com muito amor, dedicação e competência poder-se-ia conseguir o resultado a que se chegou em tão pouco tempo. Dois

jovens pesquisadores, um vinculado à Universidade Católica de Goiás e a outra, da Universidade de Tocantins (UNITINS), respectivamente Antonio Cesar Caldas Pinheiro e Juciene Ricarte Apolinario, não pouparam o melhor de seus talentos acadêmicos e empenhos na leitura e re-ordenamento dos embaralhados documentos. A ajuda do Reitor da Universidade Católica de Goiás, Pe. José Pereira de Maria e do Prof. José Mendonça Teles foram essenciais na consecução de recursos, principalmente do BankBoston, presidido por um ilustre goiano, Dr. Henrique Meireles, recursos esses que permitiram a microfilmagem dos 73 rolos dos documentos goianos que trouxeram para o Brasil os documentos indicados em 2.950 verbetes. Os rolos estão sendo digitalizados e o Catálogo encontra-se em fase final de preparação dos Índices para ser publicado pela Universidade Católica de Goiás / Instituto de Estudos e Pesquisas do Brasil Central para lançamento em breve. O apoio financeiro recebido do BankBoston através do ilustre goiano, o Dr. Henrique Meireles, foi inestimável. Essa contribuição de uma organização financeira estrangeira nos dá um exemplo da importância da Lei de Incentivos Fiscais do Ministério da Cultura que tem sido, talvez, um dos principais instrumentos de alavancagem dos projetos culturais no Brasil.

- DOCUMENTOS DO PIAUÍ

A grande importância no período colonial da Capitania do Piauí é bem retratada pelo conjunto documental que abriga os 1.716 verbetes, microfilmados em 37 rolos de microfimes, trabalho que acaba de ser concluído em Lisboa. Para realizar os trabalhos de organização e verbetização dos documentos piauienses, contou-se com o apoio de ilustre piauiense, o Pe. José Pereira de Maria, Reitor da Universidade Católica de Goiás, e a ajuda de inúmeros pesquisadores vinculados ao PROJETO RESGATE e atuantes em outras capitanias. Esperamos agora conseguir editar, com o apoio de instituições e organizações privadas daquele Estado, o Catálogo e preparar os CDs para entrega aos pesquisadores dos fatos que ocorreram no período colonial nas terras do hoje Estado do Piauí.

- DOCUMENTOS DA PARAÍBA

Para realizar os trabalhos de revisão do Catálogo produzido nos anos 70 pela Prof^a. Dr^a. Elza Régis de Oliveira, somaram-se os esforços do Governo do Estado, do Ministério da Cultura e da Universidade Federal da Paraíba. Dois jovens pesquisadores e paleógrafos, coordenados pela competência e tranquilidade da Prof^a. Elza Régis, que com a modéstia dos mestres juntou-se a nós, ajudando na reorganização, revisão e elaboração dos novos verbetes

dos documentos. Trabalho difícil o de revisão deste conjunto documental e que tem consumido muito esforço de todos, mas graças à modernização da INTERNET tem podido ser feito na ponte por *e.mail* Lisboa-João Pessoa... Espera-se a conclusão da revisão para darmos início à microfilmagem, pois sempre existem os últimos reajustes, indispensáveis em um conjunto documental armazenado em 50 caixas que gerou 3.523 verbetes. O Índice para a pesquisa está sendo preparado e em breve teremos o Catálogo e os CDs. Os professores Mozart Vergetti Menezes e Maria Vitória Barbosa de Lima foram incansáveis colaboradores em Lisboa e, ao seu trabalho, liderados pela experiência da Prof^a. Dr^a. Elza Régis de Oliveira, devemos sem dúvida a excelência dos trabalhos com os documentos da Paraíba. A Universidade Federal da Paraíba e o Governo do Estado não pouparam esforços na consecução dos recursos junto ao Ministério da Cultura/Fundo Nacional de Cultura para a realização dos trabalhos em Lisboa.

- DOCUMENTOS DAS CAPITANIAS DO SUL

Este conjunto documental relativo à região sul brasileira está dividido em vários segmentos. Assim é que temos o conjunto do Rio Grande de São Pedro, Colônia do Sacramento, e umas poucas caixas com documentos indicados como Limites de Fronteira, Uruguay, Paraguay e Buenos Aires. Pelo imbricamento dos documentos e pela situação histórica peculiar da região, os documentos foram tratados com muito cuidado por equipes oriundas do Rio Grande do Sul, historiadores e paleógrafos, coordenados pelas Professoras Helen Osório, Susana Bleil de Souza e Ana Regina Berwanger. Documentos escritos em espanhol e até em francês compõem o conjunto das Capitanias do Sul, e muitas discussões técnicas foram travadas entre os membros da equipe para definir qual documento é de que conjunto. Trabalho também realizado com igual dedicação pelo paleógrafo e historiador que organizou a documentação da antiga Colônia do Sacramento, Prof. Sérgio Conde de Albite Silva. Todo o conjunto de cerca de 40 caixas está em fase de revisão sob a orientação da técnica superior do Arquivo Histórico Ultramarino, Isabel Amado. Uma vez liberados os verbetes de sua revisão final, os documentos serão microfilmados, até junho, ao mesmo tempo em que estarão sendo elaborados os Índices e preparada a editoração do Catálogo. Seguir-se-á a digitalização dos rolos e a confecção dos CDs. Estima-se que até setembro se possa concluir todo esse trabalho na certeza de que a documentação referente às antigas capitanias da região sul, tão rica de histórias e plena de situações diversas, interessará também aos pesquisadores do cone sul. Este conjunto documental conta com o apoio financeiro da FAPERS, FAPESP, da Fundação VITAE e do Ministério da Cultura.

• DOCUMENTOS DE SÃO PAULO

A pujança econômica e cultural de São Paulo de hoje tem no seu passado colonial muito de suas raízes e explicações. Deve-se pois mergulhar com muita atenção nos documentos coloniais de São Paulo contidos em 103 rolos que abrigam 6.496 verbetes-resumo. Um alentado e minucioso Catálogo publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por ocasião das Comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo com os verbetes produzidos pelo pesquisador português Alfredo Mendes Gouveia, contratado pelo governo do Estado de São Paulo, constitui-se na base de informações que sempre orientou os pesquisadores que iam até Lisboa ter acesso aos documentos integrais vistos em sua forma original. Quando foram retomados os trabalhos para a microfilmagem em conjunto da Capitania de São Paulo, com o apoio da FAPESP e a entusiasta coordenação acadêmica do Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda, identificou-se mais 30 caixas (além das 66 que continham os documentos verbetados por Mendes Gouveia) com documentação pertinente àquele contexto e que possuíam datas limites semelhantes. Daí a necessidade de uma revisão geral em todos os documentos para que pudéssemos organizar os documentos não trabalhados por Mendes Gouveia. O novo conjunto documental, inteiramente microfilmado em 33 rolos, juntou-se aos 73 rolos do conjunto de documentos de Mendes Gouveia e encontra-se agora em fase de digitalização para confecção dos CDs. Prepara-se uma publicação que reagrupe os dois conjuntos documentais, de forma a que o pesquisador dotado de novo e completo instrumento de pesquisa possa ter acesso de forma integrada aos documentos que permitirão sua ampla e profunda pesquisa. O CNPq, com o apoio de bolsas de estudos, nos viabilizou a presença do elemento humano, necessário não só para a organização dos documentos da antiga Capitania de São Paulo como indispensável à re-visitação aos conjuntos documentais afins, de modo a retirar todo e qualquer documento relativo a São Paulo porventura existente em outros conjuntos documentais. Este trabalho tornou-se muito mais fácil graças também à presença da Prof^a. Dr^a. Heloisa Liberalli Bellotto, historiadora e arquivista de renome internacional que, com bolsa de pós-doutorado da FAPESP, acompanhou todo o trabalho em Lisboa, contribuindo com um profundo estudo sobre Glossário da Tipologia documental do período colonial, a ser publicado em breve, acoplado ao Catálogo consolidado dos documentos de São Paulo, o que trará muitas facilidades à melhor compreensão dos documentos. José Roberto de Souza, Eliane Bisan Alves, Gilson Sérgio Matos Reis estiveram diretamente sob a coordenação da Prof^a. Heloisa mergulhados nos verbetes de Mendes Gouveia e no resgate dos novos documentos.

• DOCUMENTOS DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO

Talvez seja este um dos maiores, senão o maior dos desafios a ser enfrentado pelas diversas equipes do PROJETO RESGATE. A documentação, ainda referenciada em lotes e maços, encontrava-se completamente desordenada e exigiu de todos e de cada um dos pesquisadores, que ao longo de quase três anos revezam-se em Lisboa lendo e relendo os documentos, preparando os verbetes resumos, um esforço quase sobre-humano. A conjugação de recursos provenientes da Prefeitura da Cidade de Olinda, do Governo do Estado de Pernambuco, juntamente com os recursos do PROJETO RESGATE/Ministério da Cultura e do CNPq fez com que após quase três anos de duro e ininterrupto trabalho, esteja em fase de conclusão a difícil revisão dos verbetes, com um cuidadoso e novo olhar dos documentos para dotá-los de uma cota definitiva. Inúmeros pesquisadores, professores da Universidade Federal de Pernambuco, coordenados pela Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Ferraz Barbosa, que contou com o apoio da paleógrafa Virgínia Almoedo, dos arquivistas-pesquisadores Hildo Leal da Rosa, Aneide Maria de Santana, além da equipe de mestres em História, Alexandre Alves Dias, Erika Simone de Almeida Carlos, Maria Aparecida Vasconcelos Lopes, Maria Leda Oliveira Alves da Silva estiveram por meses a fio debruçados sobre os documentos, procurando desvendá-los e reunificá-los para que pudessem ser elaborados os verbetes-resumos. Olhos de pernambucanos dedicados a desvelar a história de sua terra, mas orientados pela indispensável alteridade obtida pela objetividade da postura metodológica, única capaz de evitar os viés que levam às distorções. A eles deverão todos os que, em futuro próximo ou remoto, já estarão lendo, em confortáveis leitoras de microfimes ou em pequenas telas de computadores, os documentos fac-similados que contarão os fatos da rica história da Capitania de Pernambuco, que no período colonial se projetou com enorme importância para a região nordestina. O desafio de conseguir os recursos para empreender, dentro em breve, a microfilmagem de mais de 350 rolos, a sua digitalização e a publicação do Catálogo com mais de 33.000 documentos em verbetes-resumos é de todos nós, pernambucanos e brasileiros, dos governos federal, estadual e municipal, além das empresas públicas e privadas. Oxalá consigamos dar início em junho, em Lisboa, à microfilmagem para podermos até o final do tempo destinado às comemorações dos 500 anos (abril 2001), lançarmos o Catálogo e disponibilizarmos os documentos a todos os brasileiros e interessados em nossa história colonial.

- DOCUMENTOS DA BAHIA

É um dos poucos conjuntos documentais a possuir parte dele em Catálogos publicados. Eduardo de Castro e Almeida e Luisa da Fonseca, em um período que vai do início da década de 1910 até 1950, divulgaram para os pesquisadores brasileiros, em minuciosos verbetes-resumos, o conteúdo de 185 caixas de um total de 469. Ficaram ainda por organizar e verbetar exatas 284 caixas, o que foi feito, daí resultando 20.093 verbetes-resumos. Com mais de 50.000 verbetes-resumo os documentos da Capitania da Bahia mereceram de uma Fundação Cultural daquele Estado um apoio significativo. A Fundação Clemente Mariani, com a sensibilidade e a firme determinação de sua Presidente, Dr^a. Maria Clara Mariani, e com o apoio do Banco BBM, contribuiu com os recursos necessários para a microfilmagem de todo o conjunto no Arquivo de Lisboa. Contribuição do Governo do Estado permitiu a digitalização dos dois primeiros conjuntos anteriormente catalogados (Castro e Almeida e Luisa da Fonseca em um total de 31 CDs.). Espera-se a conclusão da microfilmagem em Lisboa para que se consiga novos recursos do Governo do Estado para a digitalização. Torna-se imprescindível a publicação de um Catálogo, consolidado, juntando os verbetes já publicados – mas de forma resumida uma vez que agora temos a visão completa dos originais – com os novos verbetes, uma vez que os documentos são complementares uns aos outros. Jovens pesquisadores mestres em História saíram da Bahia e dedicaram-se à leitura e à organização dos documentos novos e arquivistas experientes nos ajudaram a confrontar os Catálogos publicados nas duas primeiras décadas do século XIX com a situação dos documentos hoje re-arrumados no Arquivo Histórico Ultramarino. Neusa Esteves Fernandes, Avanete Pereira Sousa, Onildo Reis David, Lourival Santana Santos, e Márcia Gabriela de Aguiar Barreto integram a equipe que cuidou do acervo documental da exuberante Capitania da Bahia.

- DOCUMENTOS DO RIO DE JANEIRO

O grande conjunto documental relativo ao Rio de Janeiro concentra talvez o maior conjunto documental de interesse não só local, mas de todo o país, pois foi do Rio de Janeiro que se governou por mais tempo o Brasil colonial. Uma pequena parte dos documentos era conhecida através do Catálogo de Eduardo de Castro e Almeida publicado pela Biblioteca Nacional a partir de 1910 onde, em minuciosos e extensos verbetes, se percebia, apenas se vislumbrava, a riqueza documental dos documentos originais. Em 88 caixas encontram-se guardadas ainda hoje aqueles documentos verbetados por Castro e Almeida, que depois de confrontados com os verbetes por arquivistas do Arquivo Público do Estado do Rio de

Janeiro com o apoio da FAPERJ, foram microfilmados em 83 rolos de microfilmes e digitalizados. Encontram-se já disponíveis em sua totalidade aos pesquisadores interessados. Mas outra imensa massa documental depositada em mais de 350 caixas encontra-se neste momento em Lisboa sendo organizada, reordenada e verbetada por nova equipe que se renova sucessivamente neste trabalho, tão complexo quanto gratificante e que foi estimado em pelo menos dois anos, um dos quais já se passou. Paulo Knauss de Mendonça, Alexandre Samis, Margareth da Silva, Luiz Henrique Sombra, Cesar Augusto Ornelas Ramos e Gilson Sérgio Matos Reis debruçaram-se, com o apoio de jovens pesquisadoras portuguesas, Paula Gonçalves, Patrícia Alexandra Ramalho de Almeida e Teresa do Carmo Cação da Silva, nas inúmeras caixas. Serão quase 450 caixas abarrotadas de documentos, imbricados com todos os assuntos da terra descoberta em Porto Seguro. O avanço cuidadoso na leitura dos documentos é mais do que recomendável, pois os documentos reunidos na antiga Capitania do Rio de Janeiro falam de fatos e pessoas que sucederam-se por mais de 300 anos em todo o território nacional e é bem difícil conhecer-se todos e tudo. Arquivistas, historiadores e paleógrafos, enfim, pesquisadores, têm dado a sua contribuição à elaboração de uma dinâmica operacional conclusiva dos trabalhos com os documentos avulsos do Rio de Janeiro localizados no Arquivo Histórico Ultramarino. Uma vez concluído os trabalhos do Rio de Janeiro fecharemos os trabalhos no Arquivo Histórico Ultramarino, o que espera-se acontecer até abril do ano 2001, se os recursos forem disponibilizados com o apoio de todos os interessados, pois o Ministério da Cultura por si só não tem condições de custear a microfilmagem dos rolos necessários para a transferência dos documentos em sua integralidade informacional. Espera-se a contribuição do Comitê Executivo para as Comemorações do V Centenário que tem reconhecido o PROJETO RESGATE como um dos projetos emblemáticos do ano 2000 e que permanecerá por longos e longos anos. Uma pequena parte, cerca de 25 por cento, exatamente aquelas caixas verbetadas por Eduardo de Castro e Almeida, já foi microfilmada com recursos do Ministério da Cultura/PROJETO RESGATE. Anseia-se assim que se materializem as contribuições de outros, além do apoio imprescindível da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, que nos concedeu bolsas de estudos para pesquisadoras portuguesas especialistas em História do Brasil, graças à sensibilidade de seus Comissários Gerais, primeiro, o Prof. Antonio Manuel Hespanha e agora o Prof. Joaquim Romero de Magalhães. Eles que, como pesquisadores, sabem dos benefícios e das facilidades que os acervos organizados e disponibilizados irão causar em todo e qualquer tipo de pesquisa e de estudo. Terão certamente os seus exemplos seguidos por muitos.

- DOCUMENTOS ORGANIZADOS EM CÓDICES

O conjunto de documentos organizados em Códices, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, sempre foi um desafio para os pesquisadores interessados na História do Brasil. Este desafio, que um antigo trabalho de Alberto Iria tentou resolver de forma incompleta, concluiu-se agora com a microfilmagem em 230 rolos de quase 800 Códices. Esforço ao qual se dedicou o pesquisador português e técnico superior arquivista do Arquivo Histórico Ultramarino, José Sintra Martinheira, com a ajuda de outros funcionários do AHU. Todos os antigos verbetes de Alberto Iria foram confrontados com os Códices e novos verbetes foram feitos para apoiar a microfilmagem. Graças aos recursos da Fundação Calouste Gulbenkian e do Ministério da Cultura, todos os Códices que contêm documentos sobre o Brasil estarão disponíveis no Brasil em microfiches e em CDs e o Catálogo encontra-se em fase de publicação. Os trabalhos relativos aos Códices complementarão os objetivos do PROJETO RESGATE no que diz respeito à incorporação dos documentos avulsos que, sendo complementares e muitas vezes inéditos, são indispensáveis à completa percepção dos fatos históricos. Estão nos Códices exemplos de documentos com preciosos e belíssimos traços, com desenhos magníficos de um Brasil colonial que têm deslumbrado a todos os que os manuseiam, mesmo operadores de microfilmagem e da digitalização, que apesar de estarem a fazer trabalhos técnicos e não serem capazes de lerem as páginas manuscritas, param momentaneamente o seu labor para apreciarem, de relance, as ilustrações, muitas vezes coloridas, que enriquecem a nossa documentação colonial.

- ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA

A rica e significativa documentação cartográfica e iconográfica que faz parte dos documentos do Arquivo Histórico Ultramarino, anexados aos documentos manuscritos ou aos Códices, mereceram por parte do PROJETO RESGATE um tratamento especial, uma vez que os microfiches a preto e branco e a sua dimensão de 35 mm traria perda de informações preciosas. Um projeto especial para fotografar em cromos, foi elaborado e executado por fotógrafos credenciados cromos estes que estarão no Brasil à disposição de todos no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional e, uma vez digitalizados, disponibilizados juntamente com os conjuntos dos documentos avulsos e os Códices. Mais de mil cromos já foram produzidos com recursos do Ministério da Cultura, faltando apenas a complementação de cerca de 400, para que se possa preparar a catalogação definitiva do conjunto relativo ao Brasil, existente no Arquivo Histórico Ultramarino.

São desenhos que retratam o período colonial, a criação das cidades, dos edifícios, da nossa flora e fauna, a topografia, os rios, e as primeiras imagens dos habitantes. Os fotógrafos Paulo Cintra e Laura Castro Caldas têm produzido imagens belíssimas que serão disponibilizadas para todos.

CONCLUINDO COM AGRADECIMENTOS

Sem dúvida que o trabalho que apenas tracejei neste artigo que ultrapassou o número de páginas estabelecido inicialmente não teria sido possível realizar sem o apoio, a colaboração, a dedicação e a competência da equipe de funcionários do Arquivo Histórico Ultramarino, desde a sua diretora, Dr^a. Maria Luisa Abrantes, aos técnicos superiores do Arquivo, José Sintra Martinheira, Isabel Amado Assunção, Miguel Infante e a todos os demais que vêm conosco colaborando.

Não precisaria dizer o quão difícil têm sido esses anos de trabalho intenso, com um ritmo acelerado, a que nos obrigam os recursos, sempre limitados, e o tempo que nos preme à conclusão em abril do ano 2001.

Uma palavra também de reconhecimento às empresas que estão a microfilmar, nas dependências do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, e que habitualmente se excedem, indo além dos recursos que lhes são pagos, demonstrando mais do que o interesse econômico e a necessidade de se demonstrarem, profissionalmente, eficientes e competentes. Foram além, muito além, integrando-se ao PROJETO RESGATE, à nossa comunidade de trabalho, como se dela fossem uma parte natural. Às empresas EMECO e SCANSYSTEM nas pessoas de seus dirigentes e operadores o reconhecimento e a gratidão de todos nós, brasileiros e portugueses, ao darem o suporte técnico à nossa tarefa. Uma atenção e um cuidado especiais têm sido dedicados aos trabalhos, pois não se pode acelerá-los sem prejuízo dos originais e isto ficou desde o início bem compreendido pelas duas empresas em Lisboa.

Também não poderíamos deixar de enfatizar os mais profundos agradecimentos ao apoio que desde o seu início, em 1994 e mesmo antes, nos anos 80, vimos recebendo do Dr. Antonio Gomes da Costa, Presidente do REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, e, por último, da TAP-AIR PORTUGAL e da VARIG, que não se cansam de atender aos pedidos de excesso de bagagem feitos pela Coordenação Técnica do PROJETO RESGATE em viagens constantes, no leva-e-traz de rolos de microfimes, de caixas e cintas protetoras que envolvem os microfimes desse longo período de história comum. Cada um tem contribuído com o melhor de seu *engenho e arte*, para relembrar o nosso poeta maior, Luís de Camões. Sem o apoio de todos que se somaram num formidável esforço comum, o PROJETO RESGATE seria ainda apenas um sonho

e não uma realidade. Aos poucos, companheiros de trabalho que, no Gabinete do Ministro, no Palácio da Cultura, aqui no Rio de Janeiro, ou em Brasília, cada um a seu modo, têm dado à Coordenação do PROJETO RESGATE o apoio de infra-estrutura e os subsídios das inúmeras pesquisas em bibliotecas e arquivos, Mirtes Moraes, José Carlos Oliveira e Mário Afonso Carneiro, o mais sincero obrigado.

E VIVA O DOCUMENTO!

Bibliografia

- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. 7ª ed. revista, anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia /EDUSP, 1988.
- BERTOLETTI, Esther Caldas. *Microfilme e Memória Nacional. Fundação Casa de Rui Barbosa*. Papéis Avulsos, 12. Rio de Janeiro: 1994.
- _____. Et alii. In *200 anos C.F.Ph. von Martius*. São Paulo: Fundação Martius, 1994.
- _____. *Documentos Históricos: preservação e acesso. Responsabilidade de todos (discurso de posse)*. Separata da Revista do IHGB a.158 n.397. Rio de Janeiro, 1998 p. 1051-1069
- BOSCHI, Caio César (Coordenador). *Inventário dos manuscritos avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa). Índices de Junia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998.
- CASTRO E ALMEIDA, Eduardo de. *Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil existentes no Arquivo da Marinha e Ultramar*. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Vols. I a V - Bahia, 1913-1918, Vols VI a VIII e LXXI. - Rio de Janeiro, 1921-1951.
- FONSECA, Luisa de. *Índice abreviado dos documentos do século XVII, do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, relativo à Bahia*. In Anais do I Congresso de História da Bahia. II vol. Salvador: 1950.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota (Organizador). *Catálogo de documentos manuscritos avulsos da Capitania do Ceará (1618-1832)*. Fortaleza: Ed. Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- LEAL, João Eurípedes Franklin (Organizador). *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822)*. Vitória: Arquivo Público Estadual / Secretaria de Estado da Cultura e Esportes, 1998.
- LEAL, Frei Cristovão de. *História dos Animais e Árvores do Maranhão*. Prefácio de Alberto Iria, Lisboa: Ed. Arquivo Histórico Ultramarino e Centro de Estudos Ultramarinos, 1967.
- RODRIGUES, José Honório. *A Pesquisa Histórica no Brasil*, 3ª ed. São Paulo/Brasília: Companhia Editora Nacional/INL, 1978.

- NUNES, Maria Thetis e SANTOS, Lourival Santana. *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Sergipe (1619-1822)*. Aracajú: Ed. Universidade Federal de Sergipe, 1999.
- PARANHOS, José Maria da Silva. *Barão do Rio Branco. Esboço da História do Brasil*. Brasília: IRPI/Fundação Alexandre de Gusmão, 1992.
- von MARTIUS, Karl Friedrich Phillip. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Coleção Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: IHGB, 1991.

Notas

- ¹ RODRIGUES, José Honório. *A Pesquisa Histórica no Brasil*. São Paulo. Ed. Companhia Editora Nacional/MEC/INL. p. 275.
- ² In Introdução da 4ª. edição da publicação do referido texto de von Martius, Rio de Janeiro, IHGB, 1991.
- ³ Neste sentido veja-se José Honório Rodrigues em seu magnífico livro de referência *A Pesquisa Histórica no Brasil* (Rodrigues, 1978).
- ⁴ In Explicação à 7ª. edição, *Capítulos de História Colonial* de João Capistrano de Abreu, por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte, 1988. Ed. Itatiaia/EDUSP
- ⁵ Cabe aqui dar notícias do PROJECTO REENCONTRO que, em boa hora e medida, está sendo levado a efeito no Brasil, sob a égide do Centro Damião de Góis, da Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses. Trata-se da microfilmagem nos arquivos e bibliotecas brasileiras dos documentos *interessantes* para Portugal, do período colonial, notadamente os documentos do período joanino. Documentos das coleções como a de Morgado de Mateus, do Conde de Linhares, do Marquês de Lavradio, de Alberto Lamego, dos Códices do Conde da Torre e dos documentos conservados no Arquivo Público da Bahia, do Pará, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Histórica do Itamaraty, no Arquivo Nacional e onde mais tiverem documentos que completem e complementem os documentos armazenados nas diversas instituições portuguesas. Exemplo a ser considerado é o da documentação da Casa dos Contos, cujos documentos espalham-se em três cidades brasileiras, depositados em quatro instituições, sendo que em Portugal encontra-se a outra parte. Uma vez iniciado o sistema de intercâmbio, no âmbito da Comissão Luso-Brasileira para Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental comum, fruto de Protocolo entre os governos do Brasil e de Portugal, só agora devemos conseguir os recursos e estabelecer o *modus operandi*. Documentos transferidos de Portugal para o Brasil e do Brasil para Portugal, somando-se esforços em favor dos pesquisadores interessados no Brasil Colônia e na presença da Corte portuguesa no Brasil, com D. João VI. Aos acordos bi-institucionais sucedem-se os acordos bi-nacionais e multi-institucionais, trazendo para a História comum novas achegas documentais, muitas delas até há bem pouco tempo desconhecidas da maioria dos pesquisadores.
- ⁶ In Alberto Iria, Prefácio da edição fac-similada do Códice História dos Animais e Árvores do Maranhão, AHU, Lisboa, 1967.
- ⁷ In *Alguns documentos de interesse para a História do Brasil*. Apostila do Catálogo dos Manuscritos Ultramarinos da Biblioteca Municipal do Porto. Revista Brasília. vol. VII, Coimbra, 1953.